

## CONSTRUÇÃO DO TEXTO RADIOFÔNICO: O ESTILO ORAL-AUDITIVO<sup>1</sup>

Ana Rosa Gomes CABELLO<sup>2</sup>

- **RESUMO:** O artigo mostra, por meio de exame bibliográfico e observação empírica, que a construção do texto radiofônico, por ser escrito para ser falado e ser ouvido, requer o uso de um estilo próprio oral-auditivo, conseguido a partir do emprego de normas técnico-lingüísticas e lingüístico-gramaticais.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Texto radiofônico; normatividade técnico-lingüística; normatividade lingüístico-gramatical.

### Introdução

A linguagem radiofônica deve provocar no ouvinte, segundo Muñoz & Gil (1990, p.21), a criação de imagens mentais construídas a partir da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio.

A construção do texto radiofônico exige, além de certa dose de correção gramatical, adequação técnico-lingüística concernente à estrutura do veículo rádio. Trata-se de um texto peculiar, se comparado aos outros meios de comunicação.

No jornalismo impresso, o leitor, tendo literalmente o texto em suas mãos, pode ler rápida ou lentamente, superficial ou detidamente, e pode, até mesmo, analisar a interação texto-fotografia/ilustração.

Na televisão, o telespectador, perante a fusão de imagem e som, vê facilitada a decodificação da mensagem noticiosa.

O rádio, por sua vez, torna-se o meio mais fugidio de expressão da linguagem, porque dirige seu texto ao ouvido. Camargo (1980, p.159) ressalta que o texto radiofônico tem uma única chance de ser ouvido. Vê-se, pois, de tal afirmação, que esse texto só pode contar com o som, quer dizer, com seus próprios recursos (verbais e não-verbais) para atingir o ouvinte. Antes, porém, de apoiar-se na audição e na

---

1 Este artigo partiu de algumas considerações efetuadas em outro artigo de nossa autoria, "Organização do texto radiofônico: coesão e coerência", publicado no v.38 desta Revista, conforme bibliografia *in fine*.

2 Departamento de Ciências Humanas – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – UNESP – 17033-360 – Bauru – SP.

oralidade, apóia-se num texto redigido previamente. A este compromisso simultâneo entre a língua falada e a língua escrita, Vanoye (1979, p. 169) chama estilo comunicativo oral.

Isso concorre para a complexidade da construção textual noticiosa para o rádio: *o texto é escrito para ser falado e para ser ouvido*. Sobre este ponto, Torres (1985, p.18) alerta que, embora a voz humana seja rica e persuasiva, o texto radiofônico não deve valer-se da improvisação, visto que não se fala como se escreve e vice-versa. A questão aponta para o fato de o texto radiofônico ficar sem uma identidade própria: ora pendendo para a rigidez de um estilo preso à *escritura, carrega a correção da norma culta*; ora excedendo na informalidade do estilo *oral, envereda pela espontaneidade da norma popular*.

## 1 A especificidade do texto radiofônico

A elaboração do texto radiofônico requer, por consequência, o uso de um *estilo próprio oral-auditivo*, conseguido a partir de características específicas, no que se refere às condições de: tempo, dinâmica, melodia, sons complementares, voz, articulação e linguagem, segundo Munõz & Gil (1990, p.57):

a) tempo: refere-se à *velocidade da fala*. Os textos devem apresentar, em média, de seis a oito linhas, de 65 toques datilografados, com períodos de duas linhas e meia, para serem considerados "enxutos";

b) dinâmica: diz respeito à *ênfase da frase*, quer dizer, aos elementos estilísticos concernentes às pausas, às alternações rítmicas etc. Embora a notícia (gênero básico da informação) requeira uma redação despersonalizada, o comunicador pode se valer de recursos supra-segmentais estilísticos para transmiti-la com clareza e expressividade;

c) melodia: caracteriza-se pela *seleção de palavras eufônicas*. A construção adequada do texto, em termos de seleção de palavras, é indispensável, de preferência usa-se a forma singular e conjuntos que soem harmonicamente, evitando-se cacofonias do tipo: "por cada", "buscar alho", "uma mão". Enfim, também é fundamental saber quando usar palavra forte, doce, musical ou emocional;

d) sons complementares: consistem em determinados recursos que não se configuram como entrevista, isto é, são os do tipo: declarações e testemunhos que só *ampliam dados*;

e) voz humana, por ser *rica de inflexões e persuasiva*, é capaz de conduzir qualquer tipo de mensagem;

f) no uso da voz, a articulação deve contemplar a clareza, o volume de voz e a intensidade no volume de voz. A forma de falar (dicção, locução) e escrever (seleção

de palavras, colocação das frases) constituem o *estilo*, que revela características, tendências e personalidade de quem fala;

g) linguagem do comunicador, seja qual for o estilo, deve, segundo Porchat (1989, p.100), atentar para uma formação *adequada* do texto radiofônico.

Para a produção adequada do texto radiofônico, os autores consultados apresentam algumas considerações que podem ser assim classificadas: ora tendem para a *normatividade técnica*, devendo, pois, atender à especificidade do veículo; ora para a *normatividade gramatical*, pressupondo uma linguagem correta como a que se escreve; ora para a *normatividade lingüística*, indo ao encontro da espontaneidade da linguagem falada e com a devida adequação ao tipo de ouvinte e de programa.

Na verdade, essas três normas coexistem, na construção do *texto radiofônico*, que utiliza um *estilo próprio oral-auditivo, previamente redigido*. Entretanto, como o texto, por vezes, está atrelado a questões mais técnicas, pode-se falar em normatividade técnico-lingüística e como, por vezes, está mais preso à escritura, pode-se falar em normatividade lingüístico-gramatical.

## 2 Normatividade técnico-lingüística

Para a construção adequada do texto radiofônico, é oportuno mencionar algumas considerações técnico-lingüísticas concernentes à consecução do roteiro.

Na construção do texto radiofônico não deve haver separação silábica de uma *linha* para outra nem de uma *lauda* para outra, dado que a separação silábica pode ocasionar dificuldades no momento da locução.

O uso de caixa alta, quer dizer, de maiúsculas, é recomendável, em algumas emissoras, somente quando se tratar de *nomes próprios de pessoas*; em outras, entretanto, o uso é recomendável para *todo o texto*.

Certas emissoras utilizam barras, além da pontuação normativa, com a seguinte finalidade: barras simples (/), para: (a) indicar *pausa breve* na locução, ou (b) indicar o *término* de cada *período* do texto; e barras compostas (//), para: (a) indicar *pausa longa* na locução, ou (b) indicar o *término* do *texto*.

É recomendável que expressões jocosas ou complicadas sejam *sublinhadas*, para chamar a atenção do locutor.

Siglas só devem ser utilizadas quando forem *comuns*; caso contrário, devem ser explicitadas por extenso, lembrando-se de que, após cada letra, deve ser colocado um ponto para separá-las (por exemplo: "F.B.I."), a não ser que ela deva ser lida como uma palavra (por exemplo: "Unesco").

Para facilitar a locução, devem ser escritos, *por extenso*, os numerais cardinais de "zero" a "nove"; além dos que repetem o *mesmo numeral*, ou seja, "onze", "vinte e dois", "trezentos e trinta e três"; e também aqueles em que o locutor precisaria,

para não engasgar na locução, ter presteza para contar o número de zeros, do tipo: "cem", "mil", "um milhão". E, sempre para facilitar a locução, também devem figurar por extenso os numerais de *forma mista*, por exemplo, "dois mil 485".

Ainda para facilitar a locução, devem figurar *por extenso*: os numerais ordinais (".../ ficou em *sexto* lugar"); os numerais que variam em gênero ("*duas* pessoas morreram .../"); o nome dos meses ("Elis Regina iria completar 50 anos em *abril*"); e a *indicação*: de dinheiro ("o prejuízo é de *cinco mil reais*"), de fração (".../ perdeu *um terço* da produção"), de pesos (".../ apreendeu *duzentos gramas* de maconha"), de medidas ("a desapropriação chegou a *três mil alqueires*"), de numerais com vírgula ("O dólar foi cotado hoje a *zero ponto noventa e sete*) e de percentuais ("A reivindicação é de *trezentos por cento* de aumento").

Além disso, deve-se apresentar, em todos os veículos de comunicação, a *especificação do correspondente brasileiro* de moedas e unidades de medida de outros países. Por exemplo: "*Tantos dólares* correspondem a *tantos reais*" e/ou "*Tantos dólares* dariam para comprar *tantos carros populares*", para que o público tenha noção imediata do valor.

Já a indicação do número de telefone pode figurar ou *por extenso* (por exemplo: "*meia quatro, nove quatro, meia zero*" ou com *espaçamento* (por exemplo: " 64 – 94 – 60 ").

Diferentemente do jornalismo impresso, e tal qual o televisual, o radiofônico indica as horas segundo a *forma coloquial* e sem abreviações, ou seja, "*dez e meia da manhã*", "*cinco e meia da tarde*", "*oito horas da noite*".

O uso de artigos, indicado no texto impresso e pouco indicado no televisual, é recomendável no texto radiofônico para evitar a monotonia da telegrafia.

O texto radiofônico deve efetuar a apresentação: do cargo, antes do nome da pessoa que o ocupa (exemplo: "*O técnico da seleção brasileira, Zagalo, .../*"); do cargo político, antes do partido e este, por sua vez, antes do nome da pessoa que ocupa tal cargo (exemplo, "*O prefeito de Vera Cruz, do PSDB, Antônio Rodolfo Devito/ .../*"); da instituição, *como fonte de informação* de levantamentos, pesquisas e dados estatísticos e, não, da pessoa que passou a informação (exemplo: "*O resultado foi divulgado hoje pelo Laboratório Adolfo Lutz*"); e do nome da instituição *de forma simplificada*, dado que os nomes completos e longos pouco dizem a mais para o ouvinte (exemplo: "Sociedade Rural de Campina Grande", em vez de: "Sociedade Rural e Associação dos Pecuaristas de Campina Grande no Estado de Minas Gerais").

### **3 Normatividade lingüístico-gramatical**

O texto radiofônico, segundo Porchat (1989, p.100), pressupõe uma linguagem espontânea (semelhante à que se fala) e correta (como a que se escreve); e, ainda, pressupõe a conjugação da leveza da linguagem falada (subtraindo-lhe os vícios, as

pausas, os desvios gramaticais) com a precisão lingüística da linguagem escrita (extraindo-lhe o rigor excessivo e tudo que soe pedante aos ouvidos).

Para a construção da notícia radiofônica, segundo Muñoz & Gil (1990, p.57), é preciso responder, com clareza, às seis perguntas clássicas do lide que, por sua vez, requer critérios, dentre outros, referentes à construção estilística, sobriedade, objetividade, simplicidade, concisão, repetição e acréscimos estimuladores.

Antes, porém, de tratar dos critérios mencionados acima, é oportuno esclarecer que, segundo Sampaio (1971, p.41), o lide (do inglês *lead*) consiste na entrada, no arranque da informação, ao se apresentar resposta, de forma objetiva e resumida, às perguntas clássicas: o quê? quem? quando? onde? como? por quê?, podendo, também, se restringir às quatro primeiras, por falta de informação ou pela brevidade do tempo/espço ou, ainda, para não se praticar o jornalismo interpretativo. Além do que, o redator precisa definir a ordem de importância dos elementos do lide, para que o fato mais importante não venha a figurar apenas no final da notícia.

Com relação à construção estilística, o locutor é, em grande parte, o responsável para que o *ouvinte* tenha vontade de ouvir com *atenção e interesse*. Um bom locutor pode, até, tornar passagens difíceis mais claras. Só que, na verdade, um texto adequado dispensa um "diretor de cena" para ensaiar uma transmissão de notícias de cinco minutos.

Sobriedade é a necessidade da *escolha adequada de palavras e expressões* que não sejam chulas, irônicas ou pejorativas, preservando a imagem de grupos ou indivíduos que são notícia. É, ainda, considerar a ética, para não se levar a multidão a ações perigosas, já que o rádio exerce grande poder de influência, em virtude da abrangência que caracteriza o veículo.

A objetividade concorre para maior *entendimento e memorização*. A simplicidade se traduz no uso de *termos conhecidos* do ouvinte e, em caso contrário, na explicação de termos técnicos. O uso de um vocabulário conhecido é mais indicado, por isso, há certas restrições ao uso de estrangeirismos, quando ainda não estiverem na fase do peregrinismo; e de adjetivos, quando forem dispensáveis. A complexidade da produção textual cresce, no entanto, à medida que *textos fáceis demais não despertam o interesse* e não prendem a atenção. *Clareza e compreensão são resultados da interação texto-ouvinte*.

Concisão exige a *redução da informação*. É indispensável selecionar o essencial. Além de se refletir sobre o uso de cada palavra, é recomendável a seleção de termos curtos e frases curtas, por concorrerem para o entendimento e a lembrança. Para quebrar a monotonia das frases curtas, a combinação de frases curtas e longas pode ser utilizada.

A redundância, característica da linguagem radiofônica, configura-se como a *retomada da informação principal* de uma notícia, por meio da reiteração de uma palavra, uma sigla, um nome etc. Trata-se, pois, do uso de sinonímia, de variação léxica. A reiteração do lide é indicada quando a notícia é longa, para que o ouvinte possa recuperar, de maneira resumida, os dados principais da informação. Os

acréscimos estimuladores podem ser proporcionados por *elementos de informação variados*, isso requer um trabalho sonoplástico adequadamente correlacionado ao texto.

Além dessas considerações, mais atinentes ao léxico que à sintaxe, Kopplin & Ferraretto (1992) apresentam, entre outras, as considerações inframencionadas, ainda correlacionadas à normatividade lingüístico-gramatical, para atender com maior eficácia – no nível da emissão e da recepção – à *especificidade do texto radiofônico*:

a) *não é recomendável*: (1) o uso de pronomes possessivos, por haver a identificação imediata do ouvinte com notícias do tipo: “/.../ roubaram seu caro.”; (2) o uso de frases negativas, por confundirem o ouvinte e, assim, pairar uma dúvida sobre a informação; (3) o uso de orações intercaladas, por quebrarem o ritmo da frase e por poderem provocar um texto longo, contrariando, pois, a síntese noticiosa; (4) o uso de termos como “ontem”, “manter”, “permanecer” e “continuar”, por diminuírem o impacto da notícia, uma vez que denotam que não há nada de novo, portanto, não há notícia. (Para dar conta da atualidade, mesmo com relação a fatos passados, em vez de: “O presidente turco, Suleyman Demirel, chegou *ontem* ao Brasil”, é mais indicada a construção: “O presidente turco, Suleyman Demirel, *encontra-se* no Brasil”); (5) o uso de forma verbal no pretérito mais-que-perfeito, por carregar a idéia do condicional; (6) o uso de forma verbal no gerúndio (por exemplo, na construção “*Sofrendo* pressão do Governador, os professores voltaram às aulas”, o gerúndio atenua o impacto da notícia; com isso, a forma presente, até por dar atualidade à notícia, torna-se mais indicada: “Os professores *sofrem* pressão do governo e *voltam* às aulas.” ; (7) o uso de forma verbal no futuro, exceto quando indispensável e, em vez do futuro simples, deve ser usado o futuro composto, por ser mais coloquial;

b) *é recomendável*: (1) o uso da ordem direta da oração, por ser uma construção mais simples; (2) o uso da voz ativa, uma vez que a voz passiva diminui o impacto da notícia por deslocar o foco de interesse do quem para o quê; (3) o uso do maior número possível de verbos, de preferência, verbos ativos, por facilitarem o entendimento; (4) o uso de verbos *dicendi* adequados, do tipo: “afirmar”, “alertar”, “anunciar”, “apontar”, “citar”, “concordar”, “considerar”, “declarar”, “destacar”, “dizer”, “esclarecer”, “explicar”, “expor”, “lembrar”, “mencionar”, “propor”, “ressaltar”, “salientar” etc., para dar maior credibilidade às notícias veiculadas, uma vez que introduzem as palavras do primeiro enunciador por meio de discurso indireto do relatante (narrador/locutor).

É pertinente mencionar, neste ponto, que não se deve começar uma notícia diretamente com uma citação, como no exemplo: “*Existe uma aliança espúria contra o real*, disse o Presidente Fernando Henrique Cardoso”; mas, sim, com: “*O presidente Fernando Henrique Cardoso denuncia* que existe uma aliança espúria contra o real”. Isso porque, com o uso da primeira construção, o ouvinte é levado a pensar – num primeiro momento – que a afirmação é do próprio apresentador.

## Considerações finais

As obras consultadas mencionam a *correção gramatical*, obediência às regras gramaticais, como fundamental para a decodificação da mensagem radiofônica. Na seqüência, todavia, ilustram com passagens de textos que contrariam a disciplina gramatical e apresentam, na continuidade das explicações, certas *especificidades do veículo*.

Diante disso, surgem *recomendações não gramaticais*, mas que atendem à *normatividade técnico-lingüística*. No rádio, como há tendência ao imediatismo, a atualidade influi diretamente na extensão da notícia. Assim, o uso da forma verbal no presente é praticamente obrigatório, para dar atualidade à notícia, cabendo aos marcadores adverbiais ser responsáveis pela definição temporal, como no exemplo: "Os Rolling Stones *chegam amanhã* ao Brasil".

Dessas consultas e das observações empíricas, pode-se afirmar que a construção do texto radiofônico requer *adequação de linguagem*. Para dar conta dessa adequação, devem coexistir normas técnicas, gramaticais e lingüísticas, que, em separado, consistem em: (a) a norma técnica pode variar de uma emissora para outra, sem, no entanto, desconsiderar as especificidades do texto radiofônico e as facilidades necessárias da emissão, principalmente, porque o texto é escrito para ser falado – e não dito em tom de leitura – e para ser ouvido; (b) a norma gramatical (ditada pela disciplina gramatical) é, por vezes, rompida para atender a um maior grau de comunicabilidade, imposto pelas características do veículo e pela norma lingüística imperante; (c) a norma lingüística está atrelada a fatores referentes à emissão e à recepção, tais como idade, classe social, ideologia...

Considerando que a *normatividade técnica* e a *normatividade gramatical* estão atreladas à *normatividade lingüística* e esta, por sua vez, está diretamente correlacionada ao tipo de programa e ao tipo de ouvinte, é preciso não se estabelecer regras muito rígidas, posto que é necessário trabalhar a *criatividade* acima do preestabelecido. Além disso, nem a tipologia de programas deve ser muito rígida, uma vez que um programa pode ser, ao mesmo tempo, musical e falado, ao utilizar e combinar dois componentes: a música e a palavra, a canção e o radiodrama, quer dizer, ao utilizar e combinar a palavra cantada e a palavra falada.

CABELLO, A. R. G. Construction of the radio text: the speaking and listening style. *Alfa (São Paulo)*, v.39, p.145-152, 1995.

- **ABSTRACT:** Based on bibliographic examination and empirical observation, the article shows that the construction of the radio text, which is written to be spoken and heard, requires the use of a proper speaking and listening style, and that is obtained through the use of techno-linguistic and grammar-linguistic patterns.
- **KEYWORDS:** Radio text; techno-linguistic normativeness; grammar-linguistic normativeness.

## Referências bibliográficas

- 1 CABELLO, A. R. G. Organização do texto radiofônico: coesão e coerência. *Alfa (São Paulo)*, v.38, p.145-54, 1994.
- 2 CAMARGO, J. G. *La Radio por dentro y por fuera* 1.ed. Quito: CIESPAL, 1980.
- 3 KOPPLIN, E., FERRARETTO, L. A. *Técnica de redação radiofônica*. Porto Alegre: Sagra, DC Luzzatto, 1992.
- 4 MUÑOZ, J. J., GIL, C. *La Radio: teoria y practica*. La Habana, Cuba: Pablo de la Torriente, 1990.
- 5 PORCHAT, M. E. *Manual de radiojornalismo Jovem PAN*. 2.ed.rev. São Paulo: Ática, 1989.
- 6 SAMPAIO, W. *Jornalismo audiovisual*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- 7 TORRES V, M. P. *Locución radiofónica*. Quito, Equador: CIESPAL, BELEN, 1985.
- 8 VANOYE, F. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. (Trad. adaptada de Clarisse Madureira Sabóia et. al.) São Paulo: Martins Fontes, 1979.